

Potencial desperdiçado

Pela falta de políticas públicas e de incentivo ao setor, o Brasil amarga uma participação medíocre (0,6%, em 2010) na produção mundial de camarão



* números referentes ao ano de 2011. ** números referentes a 2010

aquicultura, uma participação medíocre, correspondente a apenas 0,6% (480.129 toneladas) da produção mundial desse setor em 2010 (78.945.001 toneladas). Além disso, quando se analisa a participação do Brasil (0,09%), na produção mundial da maricultura (17.648.793 toneladas), esse desempenho é ainda mais sofrível, conforme reportou a FAO para o ano de 2010 (FAO, 2011).

Na contramão da tendência e do incentivo observado em termos mundiais para o aumento da produção de pescado via aquicultura, única forma de manter a oferta atual de pescado, o Brasil vem priorizando as importações (363.019 toneladas e US\$ 1,23 bilhão em 2012) de um produto que deveria ser líder mundial de produção,

inclusive da China (que produz 50 vezes mais pescado que o Brasil, mas que já é o terceiro maior importador mundial desse setor, cujo volume importado em 2010, correspondeu a duas vezes a produção brasileira de pescado) e do Vietnã, de qualidade ambiental e sanidade duvidosa, cuja desleal concorrência, amparada por incentivos financeiros, legislação traba-

hista e florestal sem as amarras impostas aos produtores brasileiros, desestimulam e colocam a aquicultura brasileira em real desvantagem competitiva.

Sem dúvida, o generalizado amadorismo e a destacada incompetência no planejamento e na administração da política pesqueira brasileira, em especial para o setor aquícola, vêm contribuindo para que as excepcionais condições naturais, ambientais e infraestruturais que o Brasil apresenta em todas suas macrorregiões não sejam exploradas nem no mínimo das suas possibilidades. Isso, em um total desrespeito ao fato de que a piscicultura marinha no Nordeste, remonta da ocupação holandesa (Século XVII), e a tecnologia que revolucionou a aquicultura mundial, a hipofização, foi descoberta por pesquisadores brasileiros, sob a luz de lamparinas, no açude Bodocongó, em Campina Grande (PB), em meados da década de 20 do século passado.

Por fim, a título de reflexão e compreensão sobre os graves equívocos da política aquícola brasileira, que em realidade é a atividade que representa a alternativa

de maior viabilidade para o aumento da produção de pescado do Brasil, sugere-se comparar o exemplo do desempenho do setor das carnes, incluído o frango, em que o país participou com 34% do valor (US\$ 46 bilhões) das importações mundiais em 2011, com a participação nas importações mundiais de pescado (US\$ 111,11 bilhões), onde o Brasil contribuiu com apenas US\$ 245 milhões (0,25%) em 2010.

Pelo acima exposto, é inequívoca e urgente a necessidade de priorização de incentivos ao setor aquícola brasileiro! Com a palavra o MPA/Governo Federal e os governos Estaduais, posto que os pescadores, trabalhadores rurais, aquicultores e a população brasileira merecem melhor tratamento, com vistas à produção e disponibilização de um alimento nobre, com oferta de empregos decentes, oportunidades de negócios e geração de renda, oferecendo condições de vida digna na zona rural do litoral e do interior do País. Entretanto, com certeza isso não se realizará pela via das importações, notadamente de camarões da Argentina. Por isso, reiteramos que da nossa parte, faremos o possível e impossível para evitar a perpetuação desse proposital equívoco, inclusive pelos meios políticos e jurídicos possíveis. 

“É inequívoca e urgente a necessidade de priorização de **incentivos** ao setor aquícola brasileiro”

(*) **Itamar de Paiva Rocha** é Engenheiro de Pesca, CREA 7226-D/PE e presidente da ABCC - e-mail: abccam@abccam.com.br